



cinquenta anos de

Biel

PAULO HERKENHOFF
é crítico de arte e foi
curador geral da
XXIV Bienal de São Paulo.

A Bienal de São Paulo e seus compromissos culturais e políticos

PAULO HERKENHOFF

na

internacional de são paulo



Bienal de São Paulo, ao longo de meio século de história, vem acumulando, alterando e acrescentado funções e papéis.

a) *Produção de um panorama da arte no mundo*, implicando necessariamente uma visão plural na medida em que se compreende que a história não se desenrola num percurso único, como pareceu no modernismo. Hoje a Bienal de São Paulo é um dos três principais eventos do gênero, ao lado de Kassel e Veneza. No entanto, São Paulo apresenta a singularidade de ser um olhar da América, do Hemisfério Sul, de uma região com menos estratificação cultural e mais isenta dos grandes fatores econômicos e políticos que moldam alguns dos grandes eventos internacionais. Isso que no passado pode ter sido um fator de limitação hoje se revela como um olhar singular a partir de um ponto de vista privilegiado. Essa diferença marcaria a Bienal de São Paulo.

b) *Divulgação da arte brasileira em momento de privilegiada atenção internacional*, graças ao número crescente de visitantes estrangeiros especializados (diretores de museus e de outros eventos, curadores, historiadores, editores, críticos, artistas, colecionadores, etc.).

c) *Apresentação da arte estrangeira/internacional para o público brasileiro* em geral, e para o circuito de arte em particular. Ao lado da apresentação de tendências mais recentes e mais radicais da atualidade, a Bienal tem apresentado salas históricas, que produzem grande interesse do público. A II Bienal teria tido as mais importantes salas especiais e a consequência foi a criação de uma síndrome da Bienal do IV Centenário de São Paulo. A próxima Bienal, com suas salas de Picasso, Munch, Klee, Warhol, Louise Bourgeois e outros, levará à superação dessa síndrome. Por outro lado, estima-se que os grandes nomes atraíam grande parcela do público. Seria interessante que a Bienal conhecesse, caso não tenha esses

dados, não apenas a avaliação do evento pelo público, mas sobretudo quais são as motivações principais das pessoas quando decidem visitar o evento. Pode ser que a maioria mais expressiva visite a Bienal por causa da Bienal como um todo e não em razão de grandes estrelas, enquanto uma expressiva parcela poderia procurar a mostra graças ao nome dos artistas reconhecidos. Essa pesquisa poderia ser feita nesta próxima edição da Bienal, porque ela seguramente poderia reorientar a instituição.

d) *Formação do olhar dos jovens artistas brasileiros*. A Bienal de São Paulo, desde sua primeira edição, com o impacto de Max Bill sobre os artistas emergentes (Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Ivan Serpa, etc.), tem propiciado aos artistas brasileiros um fecundo contato e muitas trocas com a arte internacional, oferecendo-lhes uma oportunidade ímpar, que o circuito de museus e galerias não tem condições de substituir. Essa relação tem hoje o caráter de intercâmbio, e não de atualização com o circuito internacional, como pode ter sido num certo período.

e) *Diplomacia cultural*. A Bienal de São Paulo constitui-se no mais importante, amplo e estável evento cultural realizado no Brasil, com envolvimento de um vasto repertório de países estrangeiros, com seus artistas, curadores e instituições, sendo portanto um braço extraordinário da diplomacia cultural brasileira. O grande número de países participantes, se algumas vezes traz problemas para o resultado final da mostra, no entanto serve a esta função política do Estado ao mesmo tempo em que compõe a mística da instituição. Na direção inversa, a Bienal também abre caminho para muitos contatos entre instituições e agentes culturais brasileiros e estrangeiros.

f) *Representação simbólica* da cidade de São Paulo e do mecenato de seu empresário. A Bienal pode ser entendida como fator mais dinâmico e contemporâneo na constituição de processos simbólicos que signifiquem a dinâmica cultural e a riqueza

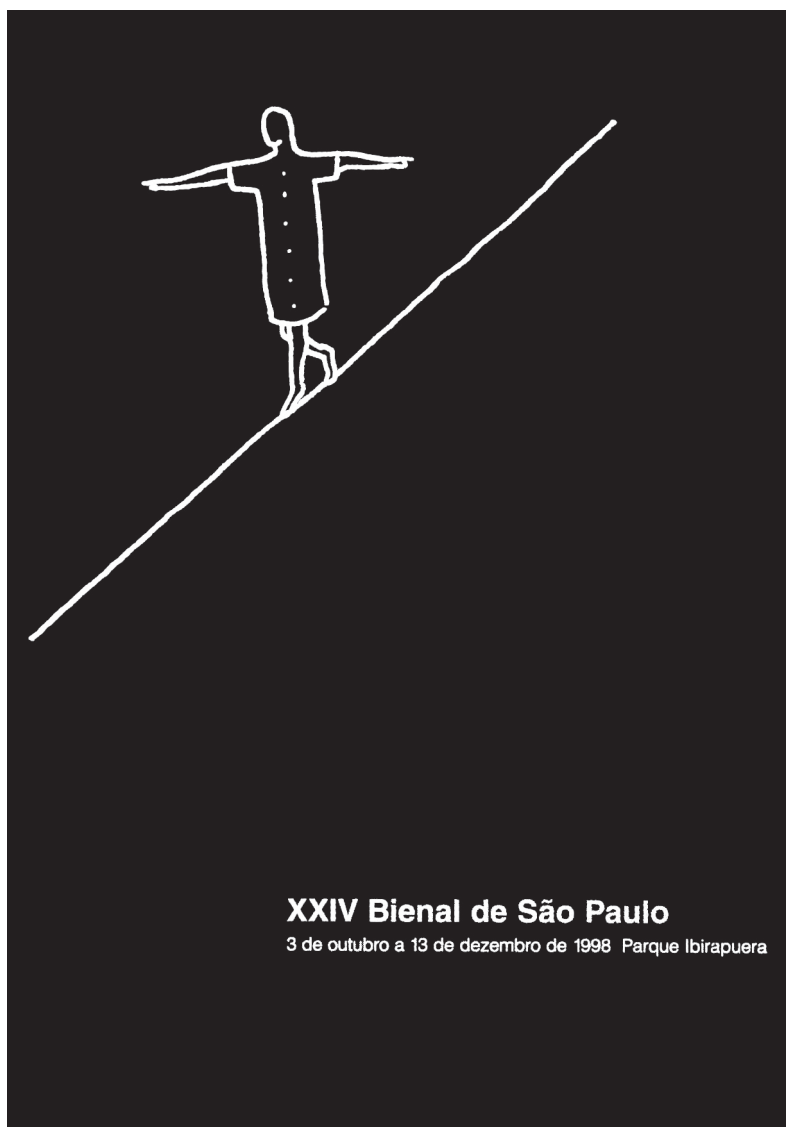
da cidade. Desse modo, a Bienal de São Paulo tem aqui uma tríplice responsabilidade de representação: 1) da sociedade civil, posto que é ação da/para a cidadania; 2) do empresariado, na sua dimensão de mecenato contemporâneo, ao criar um processo moderno de simbolização de seu espírito empreendedor através da experiência da arte de hoje; e 3) atuação do Estado, em democrático entendimento com a sociedade civil.

g) *Função museológica.* Com seu espaço museológico ampliado e mantido permanentemente, e ainda com sua equipe técnica, a Bienal tornou-se o maior espaço museológico do país, com possibilidades de realizar um trabalho permanente, sem descontinuidade, de apresentação de exposições e outros grandes eventos, se esta for a decisão institucional. As condições técnicas poderão se tornar permanentes e, enquanto tal, aperfeiçoadas constantemente. Desse modo, a Bienal equipa São Paulo e o país para abrigar exposições internacionais de grande porte e outros eventos que venham a ser criados, colocando a cidade no circuito internacional de mostras. Oportunamente, a Bienal poderia considerar um convite à American Association of Museums (AAM) para avaliar as condições museológicas, já que ela é a instituição que presta este serviço às instituições americanas e, se tivermos um bom grau, muitas possibilidades de empréstimos de obras serão facilitadas junto aos museus dos Estados Unidos. Para os quatro últimos anos do século, a Bienal poderia desenvolver um amplo programa de avaliação da arte brasileira e de outros aspectos de nossa cultura ainda não suficientemente expostos ou debatidos (como a fotografia desde o início), levantamento de questões globais da arte com acento na perspectiva latino-americana, ou mesmo internacional, como a mostra de arquitetura, que a diretoria já vem negociando.

h) *Articulação internacional de críticos e curadores* envolvidos na formulação das representações nacionais, salas especiais e Universalis. Esse ponto é crucial para asse-

gurar o nível qualitativo da arte exposta na Bienal. Hoje, a Bienal tem desenvolvido sua capacidade de escolher, ao criar salas especiais que acompanham mais de perto ou mesmo intervêm nas direções curatoriais. A instituição tem criado mecanismos mais eficientes, como a Universalis, com seu processo de escolha de curadores mais vinculados a regiões do mundo, como uma extensão do olhar da Bienal. O processo da Universalis deve ser consolidado. Uma nova etapa a ser considerada seria trabalhar mais de perto com os países na escolha de curadores afiadados com o espírito da Bienal e dos artistas. Isso substituiria a idéia de um tema para a Bienal, em face da dificuldade de articulação efetiva de uma pauta no plano internacional. Um olhar re-





trospetivo sobre a representação de países como Colômbia, Venezuela, México e Chile, nas três últimas edições da Bienal, notará uma representação nacional que nem sempre espelhou a qualidade da produção desses países.

i) *Espaço principal de articulação cultural da América do Sul*, especialmente dos países que compõem o Mercosul, sobretudo pelo grande número de visitantes (artistas, críticos, estudantes de arte, etc.) provenientes da Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile, que viajam para ver a Bienal.

j) *Produção de atualidade*, com a revelação do emergente, das transformações da arte, ou da reflexão e avaliação de percursos recentes. A penúltima Bienal do século está preparada para se concentrar mais na hora presente e em seus riscos. A dimensão histórica deve ser a articulação de olhares, mais que apenas individualidades.

l) *Produção de reflexão*. Através dos trabalhos de curadoria e produção de textos, a Bienal tornou-se um considerável centro de reflexão crítica sobre a arte. A Bienal poderá produzir, ela mesma, leituras abrangentes da produção internacional ou de regiões, grupos e tendências. A instituição promove intenso labor curatorial, acompanhado de criação de textos analíticos. A considerar, a agregação do papel de fórum sobre a arte contemporânea, que congregasse os principais pensadores da atualidade em reflexão sobre temas e pontos de vista inovadores e críticos. A Bienal está capacitada a produzir reflexão não apenas sobre

arte brasileira ou latino-americana, mas mesmo da arte internacional.

m) *Produção editorial*. Os catálogos gerais da Bienal, de suas salas individuais, das representações nacionais ou de artistas individuais significam um processo editorial importante, como registro e difusão das posturas e idéias estéticas envolvidas com a exposição.

n) *Produção de memória*. Os arquivos da Bienal devem se organizar como memória viva da ação da instituição ao longo de sua história, abrigando seu processo de reflexão e vida institucional. Sua função seria projetar para o futuro os valores que se consolidam no processo histórico e não um rígido congelamento da memória do evento. O adequado equipamento técnico, na sua atual fase de remodelação, assegurará as condições materiais básicas para desenvolvimento do projeto da memória. É possível que alguma instituição estrangeira, como o Geety, possa se interessar num trabalho conjunto com a Bienal, cujo acervo seria tratado, digitalizado para permitir acesso via rede, mas mantido na instituição.

o) *Compromisso educacional*. A Bienal é um equipamento educacional dos mais importantes para a cidade de São Paulo. Seu trabalho educacional é desenvolvido através da linha curatorial das exposições e da forma de sua apresentação, catálogos e serviços de monitoria, debates, mesas-redondas e conferências.

Setembro de 1997

Na página anterior, cartaz da última edição da Bienal